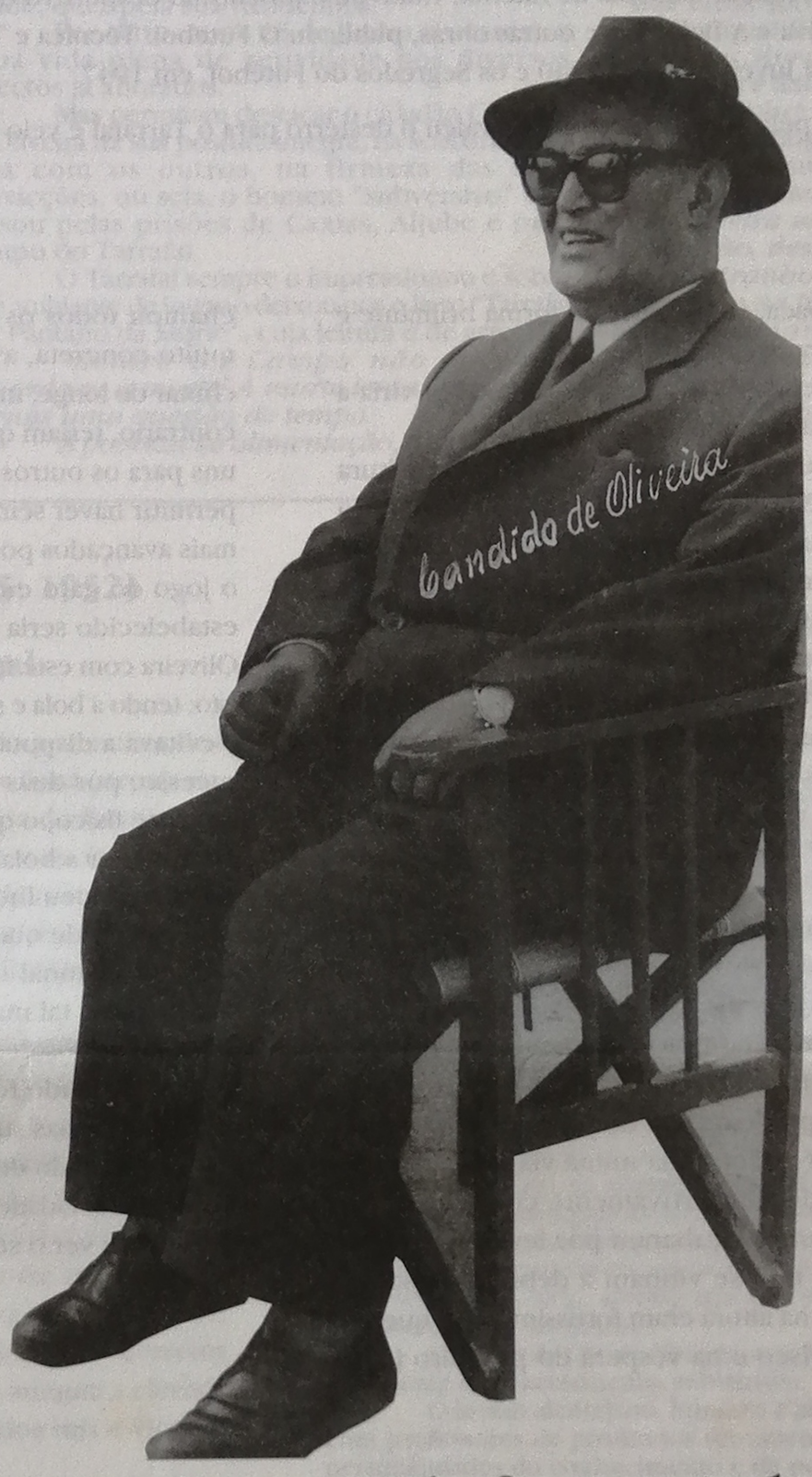
Homenagem a

Cândido de Oliveira



Os Pardalitos do Choupal e os Elefantezinhos

Quis o destino, ou seja, uma mera ocasionalidade, que nos encontrássemos no vetusto Campo de Santa Cruz, em meados dos anos cinquenta. Ele, aquele Homem Grande, curto no tamanho, de um só querer, a ensinar futebol à Académica e nós, um neófito rebelde quanto bastava a aprender o rugby na recentemente criada Secção da também AAC (1955).

Do seu passado sabíamos o suficiente para logo ali nos exaltarmos com a sua vinda para Coimbra. Acrescente-se-lhe a particularidade, de mais tarde virmos a descobrir, ter sido ele um dos percursores do rugby em Portugal, quando em 1919, averiguadas as virtualidades pedagógicas e formativas do jogo, vir a introduzi-lo na Casa Pia, apelidando-o de jogo da azeitona, do melão veio depois. Cria duas equipas que o praticam até meados de 1921. Só em 1926 com a fundação da Associação de Rugby de Lisboa viria a ser oficializada a sua prática em Portugal. Até nesta foi revolucionário.

Durante a semana, partilhávamos o saibroso pelado de Sta. Cruz e daí as amistosas "bocas académicas" trocadas entre pares: Lá vêm os elefantezinhos (os do rugby) , olha os pardalitos (os do futebol).

O facto é que, por estas ou por outras, ambas as expressões viriam a memorizar a forma afectiva como na época ambos eram designados, com maior força apelativa para os do futebol dada a sua expressão mediática.

Tornaram-se célebres, para a época, e por aí além, os títulos dos jornais, sempre que havia que enaltecer o futebol da AAC, cognominando os Rochas e companhia como os "Pardalitos do Choupal".

Quando a 23 de Junho de 1958, nos foi anunciada a morte de Cândido de Oliveira, chorámo-lo convulsivamente. Era um pedaço da Académica, mas também de Coimbra, de Portugal e do Mundo que se ía.

Por esse facto, não é de forma gratuita que 50 anos depois, aqui estejamos todos para enaltecer Um Homem – Cândido de Oliveira.

Como legado ficou a postura de um cidadão impoluto, de trato e relacionamento integro e ficou o "futebol da Académica", pensado, explanado, apoiado em que o adversário andava "à cata da bola". Valha-nos que no provir encontrou bons continuadores: Pedroto, Fernando Vaz, Mário Wilson, Francisco Andrade e todos os outros que não o descontinuaram, na sua plenitude. Ainda hoje, a espaços, se enaltece o "perfume do futebol da Académica"

Manuel da Costa
(Editorial Moura Pinto)

EDITORIAL MOURA PINTO

BIOGRAFIA

Cândido Fernandes de Oliveira, nasceu em Fronteira do Alentejo a 24/9/1896 e faleceu em Estocolmo na Suécia, aquando do Campeonato do Mundo, a 23/6/58.

Futebolista do Sport Lisboa e Benfica (1915 – 1921) e do Casa Pia Atlético Clube, de que foi um dos fundadores, em 1921, capitaneou a selecção nacional de futebol, que teve o seu primeiro encontro internacional em 18/12/1921 em Madrid contra a Espanha. Jogava a médio centro. Exerceu durante muitos anos os cargos de treinador e seleccionador nacional de futebol. Cultivou o jornalismo desportivo desde 1919, dirigiu Os Sports e fundou e dirigiu a revista Futebol e os jornais Gazeta Desportiva e A Bola. Entre outras obras, publicou O Futebol: Técnica e Táctica, em 1935; A Formação de Jogadores de Futebol, em 1938; O Futebol-Desporto para a Juventude, em 1940 e os Segredos do Futebol, em 1947.

Foi um cidadão empenhado na luta pela liberdade o que lhe valeu o desterro para o Tarrafal e veio a terminar a sua carreira como treinador na Associação Académica de Coimbra.

Cândido Oliveira, o Chumbaca, soube aliar de forma brilhante e clara, a sua cultura geral á sua cultura desportiva.

Homem que defendeu a liberdade até ao limite, o que lhe viria a custar a prisão no Tarrafal, fez escola por onde passou.

Simples como são geralmente os génios, soube acrescentar cultura à sabedoria e paixão. A sua passagem pela vida, no caminho social, no jornalismo, ou mais tarde como treinador de Futebol, foi sempre vivida de forma transparente, com princípios morais éticos e deontológicos.

Quando foi desafiado para vir treinar a Académica, desconfiou do que lhe dariam, não em dinheiro, porque esse sair-lhe - ia muitas vezes do próprio bolso para ajudar os jogadores, mas sobre as condições de treino e da disponibilidade dos atletas, que iriam ficar debaixo do seu comando. Esta foi a razão principal de vir apenas à quinta - feira, para fazer um "teste", ministrando o celebérrimo treino de conjunto, para mais tarde, depois de "tocado" verdadeiramente pela "alma" académica , assumir definitivamente o lugar em "full – time".

O Mestre, cedo se apercebeu das limitações físicas dos jogadores da Académica e dos elevados momentos de oscilação, não só provocados pelas épocas de exames e pelos períodos das latadas e Queima das Fitas, mas também pelo amadorismo reinante. Tudo isto o fez pensar e repensar de como poderia minimizar este factor tão negativo e que nos tornava inferiores aos adversários. O que se praticava era um futebol de choque e muito directo. A solução viria a ser encontrada numa viagem a África, num final de época. O ano tinha sido desportivamente complicado, o campeonato disputadíssimo e os exames, acabaram por levar as poucas forças que ainda poderiam existir e que se vinham a debilitar desde a queima das Fitas. Os Clubes Africanos na altura eram fortíssimos em querer e determinação. Cândido aceitou o risco e na véspera do primeiro jogo chamou todos os jogadores convocados e numa prelecção longa, mas muito concreta, avisou que estavam proibidos de correr para o golo ou chutar de longe, mal tivessem a bola, como era costume fazer -se, mas pelo contrário, teriam que procurar manter a bola em seu poder, trocando-a de uns para os outros, criando vários triângulos na movimentação, o que iria permitir haver sempre duas linhas de passe. Só quando pisassem terrenos mais avançados poderiam tentar o golo. O jogo, como ele lhe chamou, era o jogo do gato e do rato, o jogo da paciência. Quem não cumprisse o estabelecido seria de imediato substituído. O que pretendia Cândido de Oliveira com este futebol, tão diferente do que se fazia em Portugal? Apenas isto: tendo a bola e sabendo mantê-la na equipa, roubava a força ao adversário e evitava a disputa directa, onde perderíamos de certeza. O jogo foi um sucesso, por duas razões: Primeiro os jogadores sentiram muito menos desgaste físico, o que os entusiasmou. Segundo, aquele método, que lhes permitia ter a bola e não disputar lance após lance na criação ofensiva e defensiva, deu-lhes gozo. A melhoria do sistema foi surgindo com a inteligência de quem fazia o passe e de quem o recebia, mas também da maneira racional como se distribuíam no espaço. Os adversários, nada habituados a tal maneira de jogar, passavam o tempo atrás da bola, o que logicamente os desorganizava e lhes tirava a possibilidade de imporem a sua força, dando todas as vantagens com os "rasgões", que eles próprios provocavam nas suas linhas defensivas.

Cândido de Oliveira um Senhor que amou Coimbra e que desejou morrer nesta cidade, mas a quem o destino não quis fazer a vontade, morreu na Suécia a ver o seu desporto favorito, o futebol.

Francisco Andrade

Texto de Vítor Serpa

Nunca conheci pessoalmente Cândido de Oliveira. Tinha seis anos de idade, quando Cândido faleceu, em pleno Mundial da Suécia. Assim sendo, poderia parecer, no mínimo, insensato falar dele. Não será.

Cândido de Oliveira sempre foi uma figura presente na história de A BOLA, jornal onde entrei há trinta e quatro anos, mas já muito antes ouvia o meu pai falar de mestre Cândido com o respeito e a devoção que o meu pai apenas dedicava a pessoas que muito considerava. Para meu pai, Cândido era um exemplo de mestre de jornalismo, sim, mas, acima de tudo, um exemplo de cidadão. Além do mais, Cândido de Oliveira tinha recebido a sua formação na Casa Pia de Lisboa, instituição que meu pai venerava e que também recebeu o seu avô e meu bisavô, Domingos Serpa, um poeta popular com grande sensibilidade e espírito solidário.

A faceta solidária de Cândido, a sua aversão a Salazar e ao regime do «estado novo», o sofrimento no Tarrafal, o espírito formador e didáctico do jornalista, a competência do homem de futebol, tudo era devidamente valorizado e admirado por meu pai que, desde muito cedo, me fez entender que era de Cândido de Oliveira que nascia a verdadeira alma da escola de jornalismo de «A BOLA». Por ele, A BOLA deveria ser, sempre, um jornal preocupado para além do futebol. Um jornal livre, independente e solidário.

Quando entrei pela porta larga do número 23 da Travessa da Queimada, já conhecia, pois, o homem e o mestre com quem nunca me encontraria. E mais e melhor ainda o conheci, pela relação directa com aqueles que sempre se consideraram seus discípulos. Além de meu pai, Vítor Santos, Carlos Pinhão e Fernando Vaz.

Nem tanto Aurélio Márcio ou Alfredo Farinha. Menos ainda Silva Resende. Cada um por sua razão. Cândido era uma personagem forte, admirada, mas não, propriamente, o mestre que se procura seguir.

Dos seus mais próximos seguidores, Vítor Santos era o que mais evidenciava essa vontade, não apenas de seguir a escola que Cândido iniciou em A BOLA, mas de a continuar. Deve dizer-se, por justiça, que o conseguiu. Curiosamente, Vítor Santos poderá não ter sido o discípulo predilecto de Cândido de Oliveira, mas foi, sem dúvida, aquele que mais fez pela sua continuidade. Na sua relação dúbia entre o homem da comunicação e o jornalista, na sua ideia de um jornalismo interessado e socialmente envolvido, na sua convicção das virtudes da liberdade e, acima de tudo, no conceito fechado de que o futebol deve ser defendido de guerras e maledicências.

Não me considero um discípulo de Cândido de Oliveira, mas posso afirmar, com orgulho, que há muitas influências dele, e da sua escola, no meu pensamento e na minha atitude profissional.

Sou, pois, um admirador da vida e da obra daquele que, em A BOLA se conhece por mestre. E também nisso, eu sei, respeitarei a memória de meu pai.

PARA ALÉM DO DESPORTISTA E DO JORNALISTA, O HOMEM LIVRE

Os portugueses, quando ouvem falar de Cândido de Oliveira, associam-no de imediato ao futebol, onde efectivamente foi Mestre.

No entanto, não sabem ou esqueceram que aquele miúdo educado na Casa Pia (e aí tirou o Curso Comercial e de Telegrafia), viria a ser mais do que um funcionário superior dos Correios e Telégrafos, mais do que um futebolista do Casa Pia e do Benfica, com honras de ter sido o capitão da primeira Selecção Nacional, mais do que um treinador e seleccionador, mais do que um jornalista, mais do que um escritor (12 obras publicadas). Viria a ser essencialmente um HOMEM LIVRE.

Corroboro inteiramente a opinião de José Magalhães Godinho expressa na Nota Prévia ao livro de Cândido de Oliveira "Tarrafal – O Pântano da Morte":

"Mas, do cidadão, do democrata, do lutador antifascista, do homem vertical que nunca abdicou dos seus ideais e por eles sofreu prisão, deportação, perda do seu lugar nos Correios e brutal tortura física, quem se lembrará?"

Quem se lembrará? – pergunto. Respondo: pelo menos alguns que em boa hora organizaram esta homenagem a Mestre Cândido, por ocasião dos 50 anos do seu trágico falecimento, quando fazia a cobertura do Campeonato do Mundo de Futebol da Suécia.

E a homenagem não podia ser prestada noutro local que não Coimbra, mais propriamente neste espaço emblemático que foi, é e será o Hotel Astória que acolheu o homem vindo da capital e que por aqui se apaixonou, quer pela cidade, quer pela sua Académica.

Por certo, neste 23 de Junho evocaremos a sua vida plena de actividade nos diversos aspectos já aflorados.

Mas permitam destacar o cidadão Cândido de Oliveira na sua postura íntegra, na solidariedade para com os outros, na firmeza das suas convicções, ou seja, o homem "subversivo" que passou pelas prisões de Caxias, Aljube e pelo Campo do Tarrafal.

O Tarrafal sempre o impressionou e sobre esse ambiente de inferno deixou-nos o livro "Tarrafal – O Pântano da Morte", cuja leitura é de arrepiar:

"Dentro do Campo não se vive!! Aguarda-se a morte! A morte lenta, mas certa. Apenas uma questão de tempo.

A pobreza de alimentação, a devastação operada pelo clima, a falta de assistência médica e farmacêutica, o estiolamento com base no trabalho forçado sob a canícula tropical, as duras sanções, a falta de higiene, o isolamento, o ascetismo compulsivo, tudo somado, causa, fatalmente, a ruína física, o desarranjo fisiológico e apressa a morte. É evidente."

Um dos companheiros do Campo e que conviveu com Cândido de Oliveira e é hoje um dos raros sobreviventes do Tarrafal, Edmundo Pedro qualifica Cândido como *"liberal e um homem livre. E era, também, um homem generoso e dotado de uma grande sensibilidade."*

Sobre Cândido de Oliveira aconselho a leitura da Biografia, da autoria de Homero Serpa que no Proémio afirma:

"Pretendo que esta Biografia de Cândido de Oliveira seja o romance da sua vida. Nesta intenção, desvendo o que sempre me pareceu um estranho tabu. A intervenção activa do Cândido na política nacional, com repercussões internacionais, transcendeu a lírica conspiraçãozinha à mesa de café, que muitos portugueses praticavam, dardejando, à sua volta, olhares receosos."

Alípio de Melo

Cândido de Oliveira (Seleccionador em 1926-1929; 1935-1945; 1952)

O grande «mestre» do futebol em portugal

Cândido Fernandes Plácido de Oliveira, alcunhado por muitos dos seus amigos mais íntimos de «chumbaca», graças à sua figura física corpulenta e atarracada, é uma das figuras mais marcantes da história do futebol em portugal. «mestre» Cândido foi o primeiro grande estudioso do futebol em portugal, responsável maior pelo aparecimento da selecção nacional, trabalhador incansável no sentido de que o Futebol Português se colocasse ao nível do que acontecia nos outros países da Europa, sobretudo nas suas vertentes organizativas.

Mas Cândido de Oliveira foi mais ainda: grande figura humana, democrata convicto que tomou desassombradas posições públicas contra os regimes de Hitler, de mussolini, de franco e salazar. A sua coragem intelectual só teve paralelo na sua coragem física. Foi sujeito a um sem-número de prisões levadas a cabo pela então pvde; brutalmente torturado e espancado a ponto de lhe terem partido todos os dentes; em 1942 é enviado para o campo de concentração do tarrafal. Sobre ele escreveu um livro chamado «tarrafal – o pântano da morte», publicado a título póstumo, após o 25 de abril de 1974. De regresso a lisboa. Demitido dos correios telégrafos e telefones (ctt), onde trabalhara longos anos e atingira a elevada função de inspector de exploração, funda com ribeiro dos reis e vicente de melo o jornal «a bola».

Nascido em fronteira, distrito de portalegre, cândido fernandes plácido de oliveira entrou para a casa pia em 1905 e cedo mostrou capacidades inatas para a prática do futebol, capacidades essas que o levaram ao benfica a partir da época de 1914-15. Aí se manteve até 1920, tendo saído para fundar o casa pia atlético clube. Apesar de se ter destacado também como avançado, cândido de oliveira foi um excelente médio centro, com uma capacidade de comando e de passe que fez dele um dos grandes jogadores portugueses das primeiras duas décadas do século xx. Seria ele o primeiro «capitão» da selecção nacional, no célebre jogo de madrid, em 1921.

Por várias vezes ocupou o cargo de seleccionador nacional – foi ele o responsável pelo cargo no primeiro grande êxito da selecção nacional, os jogos olímpicos de amesterdão, em 1928 -, tendo-se tornado num técnico sempre disponível para as necessidades da «equipa de todos nós». Foi jornalista na «stadium», director de «os sports», «diário de notícias», «diário de lisboa» e «o século» antes de fundar o jornal «a bola». Treinador do sporting dos «cinco violinos», da académica, do belenenses, do fc porto e do atlético, chegou também a orientar o flamengo, do brasil, em 1950-51. Foi autor de vários livros sobre desporto e táctica no futebol, sofreu uma pneumonia enquanto cobria, como enviado-especial de «a bola», o campeonato do mundo de 1958, na suécia. Como consequência, viria a falecer no dia 23 de junho desse ano.

Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Golos
31	8	9	14	51-61

Cândido de Oliveira
Uma Biografia

Escrevi este livro, aliciado pelo tema que as minhas investigações sobre a vida de Cândido de Oliveira empolgaram. Terminada a tarefa das consultas na Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional, nos arquivos de A Bola, e avaliadas as entrevistas com quem conheceu de perto mestre Cândido, deitei-me à escrita com alvoraçado empenho.

A escrita. Enchi páginas de crónicas padronizadas pela especificidade do jornalismo a que me dediquei, mas outras arquitecturas literárias consegui erguer à revelia da obrigatoriedade de corricar o dia-a-dia entre as barreiras dos motivos desportivos. Eu e também ilustres companheiros de uma equipa incapaz de se submeter aos silêncios do terror.

No decorrer da vida, fui-me libertando das formas convencionais. Rompi os cercos rotineiros, deixei-me envolver pela discência deixando na redacção, ainda acanhada como escolinha de aldeia, pelos exemplos e sentido da independência de Cândido de Oliveira. Sobretudo, aprendi que o jornalismo desportivo é uma arte maior ou menor, dependendo a sua classificação da forma como os jornalistas o vêem, o comunicam e sentem o seu peso, às vezes perverso, nas sociedades contemporâneas.

As preocupações culturais de A Bola, muito explícitas e determinadas logo nos primeiros números, confrontaram-se com os padrões exegíveis pelos guardas pretorianos do regime ao jornalismo desportivo, que desejavam linear e insulado de aspectos político-sociais. Mas nem as ameaças, veladas ou insultuosas, nem as suspensões arbitrárias, nem o tripudiar labroste dos inimigos estabelecidos noutras gazetas, destruiram a personalidade única da escola de Cândido de Oliveira e dos seus pares. Nela, aprendi que sem liberdade de expressão todas as éticas e deontologias são artificiais.

Cândido de Oliveira foi um jornalista subversivo? Cândido foi um cidadão, consciente e coerentemente, subversivo.

O jovem alentejano, honesto e afável, estudante e desportista, aprendeu com professores de profundos sentimentos humanistas, conviveu com ilustres personalidades do conhecimento e da política, integrou as equipas da cultura e do desporto, meditou a vida e as injustiças que feriam os desprotegidos da sorte nos silêncios monásticos dos claustros manuelinos. Na Cerca da Casa Pia, iniciou a aprendizagem do futebol, que era a vergôntea mais forte do desporto nacional.

O jornalismo e o futebol, só aparentemente carreirados por vias paralelas, instruíram-no de sólidos princípios pedagógicos. Cândido cursou as duas disciplinas com brilhante aproveitamento. E da ecléctica escola saiu um promissor discípulo das duas artes.

Mestre do futebol nas suas duas vertentes, a prática e a teórica, mestre do jornalismo – assim o conheceram os coevos e reconhecem as novas gerações. São os percursos que o povo mantém na memória porque o futebol estiola tudo quanto cresce nos terrenos sagrados da sua idionomia, aliás alimentada pelos fideístas autênticos e, também, pelos falsos profetas. De facto, o homem do futebol, ao nível do estudioso, e o jornalista, consagrado pela coragem e virtuosismo, coabitam o perfil que, sistematicamente, tem sido transmitido ao público. Mas parte fundamental do nosso biografado nunca foi contada aos portugueses com rigor e empenho.

E, no entanto, Cândido de Oliveira, democrata de integridade absoluta, assumiu-se como antifascista nos tenebrosos tempos de todos os nazismos.

A biografia do repúblico e generoso Cândido de Oliveira não estaria completa sem a revelação da sua actividade política, que, por hábito, quem dele falava resumia a esta explicação: «O Cândido esteve dezoito meses no Tarrafal.»

Evitou-se contar a novela política que Cândido protagonizou. Inicialmente, porque não era possível divulgá-la; depois do 25 de Abril de 1974, porque ninguém terá achado importante fazê-lo ou ainda porque a sua beligerância, durante o salazarismo, e os muitos riscos que correu pouco vulto tivessem projectado no turbilhão de factos, autênticos e fabulados, aos quais o País assistiu.

Pretendo que esta biografia de Cândido de Oliveira seja o romance verídico da sua vida. Nesta intenção, desvendo o que sempre me pareceu um estranho tabu. A intervenção activa de Cândido na política nacional, com repercussões internacionais, transcendeu a lírica conspiraçãozinha à mesa do café, que muitos portugueses praticavam, dardejando, à sua volta, olhares receosos.

Há quem se esforce por elidir da vida portuguesa os crimes cometidos pela ditadura, as desumanidades que os espelhos do passado ainda reverberam, que os túmulos testemunham no cemitério da Achada, no Tarrafal, e em outros lugares onde culminaram os assassinatos perpetrados pela polícia política.

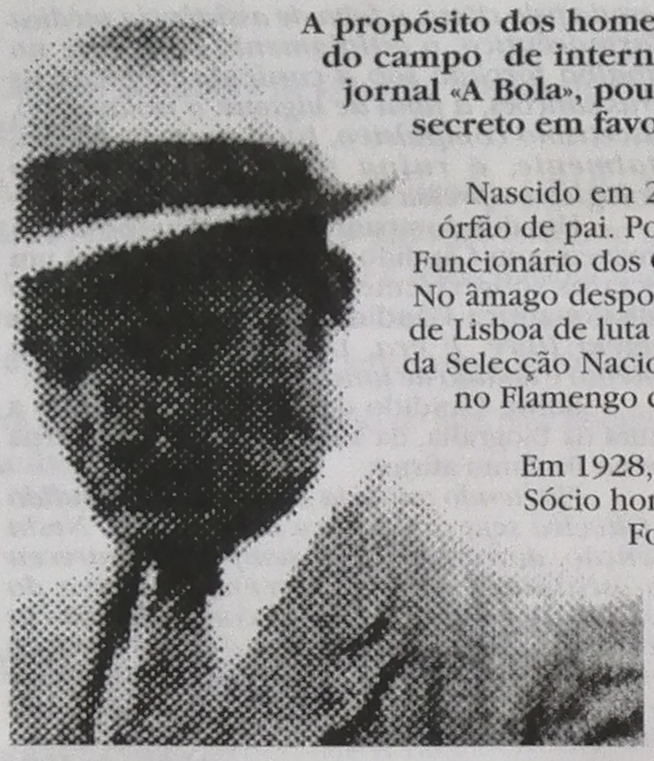
O importante é que os flagícios não prescrevam na memória dos portugueses, nem se fechem as janelas do passado, que a democracia consiga eliminar do seu corpo a «bondade estratégica» e se cumpra sem subterfúgios. Para que o sangue dos justos não seja invadido pelo almagre dos vilões.

(*) Homero Serpa, Editorial Caminho, Lisboa, Junho de 2000.

«O Militante» - N.º 257 - Março/ Abril de 2002

Cândido de Oliveira: o agente «Pax» no Tarrafal

A propósito dos homenageados do Tarrafal fica aqui uma mensão a um deles, autor de um livro que relata os horrores do campo de internamento onde esteve em 1942: Cândido de Oliveira, que muitos conhecem como o fundador do jornal «A Bola», poucos como quem escreveu o livro «O Pântano da Morte», ainda menos como alguém que foi agente secreto em favor da causa aliada, agente do SOE, o serviço britânico de guerra clandestina.



Nascido em 24 de Setembro de 1896, na vila alentejana de Fronteira, Cândido Fernandes Plácido de Oliveira, cedo ficou órfão de pai. Por causa disso entrou para a Casa Pia em 15 de Julho de 1905, onde foi educado e se fez atleta.
Funcionário dos Correios, Telégrafos e Telefones, alcançaria aí, pelos seus méritos carreira destacada.
No âmago desportivo, Cândido de Oliveira cedo ganhou justos palmarés como atleta, jogador, árbitro e treinador: campeão de Lisboa de luta greco-romana, capitão do grupo de honra do Sport Lisboa e Benfica, treinador do Casa Pia Atlético Clube e da Selecção Nacional, no Sporting Clube de Portugal, no Belenenses, no Futebol Clube do Porto, na Académica de Coimbra, no Flamengo do Rio de Janeiro.

Em 1928, a equipa nacional que se apresentou aos Jogos Olímpicos de Amsterdão foi por ele escolhida e orientada.
Sócio honorário da Federação Portuguesa de Futebol, fez parte do respectivo Conselho Técnico.
Foi, por várias vezes, seleccionador nacional.
No jornalismo, a sua estreia verificou-se em 1919, no diário desportivo «Vitória». Fundaria e dirigiria a revista «Football», os jornais «Gazeta Desportiva», «Os Sports» e «A Bola». Seria redactor em «O Século».
No campo teórico deixou vários livros de relevo: «Futebol, Desporto para a Juventude», «Futebol, Técnica e Táctica», «Sistema WM» e «Segredos do Futebol».
Faleceria em Estocolmo, em 23 de Junho de 1958, quando fazia, com Ribeiro dos Reis, a cobertura do Campeonato do Mundo para o jornal «A Bola». Em 1990 o Presidente da República conferir-lhe-ía, a título póstumo, a Grã-Cruz da Ordem de Mérito.

Anglófilo, seria desterrado, sem julgamento, para o Campo do Tarrafal em Cabo Verde. Com base nessa dolorosa experiência de dois anos escreveria «O Pântano da Morte», em que atou ao «pelourinho» o «Governo da Ditadura, Criador do Campo de Concentração do Tarrafal de Santiago de Cabo Verde». O livro seria publicado legalmente em 1974, pela Editorial «República».

O papel de mestre Cândido na rede clandestina aliada foi fundamental.

Desempenhava à data as funções de Inspector dos Correios. Era de facto o agente «Pax», «H.204» (mais tarde «H.700») da rede do SOE.

O seu trabalho mereceria as melhores referências.

Cândido organizou uma rede de rádio-relegrafistas que, em caso de ruptura das comunicações oficiais, poderiam funcionar como um sistema alternativo e secreto na transmissão de informações. E, valendo-se do seu estatuto nos correios, permitia que a correspondência alemã fosse retardada por uma noite, o tempo necessário para ser fotografada pelos serviços de contra-espionagem dos britânicos.

Em 23 de Abril de 1941, John Beevor, o advogado que em Lisboa organizava a rede secreta destinada a deter um avanço alemão sobre o nosso país, comunicaria para Londres que «um novo amigo, Pax, tem sido muito útil e poderia arranjar um sistema definitivo de comunicações através de morse em vários centros da instituição na qual trabalha».

Só que a repressão haveria de se abater sobre a rede do SOE, sendo Cândido localizado após a prisão pela PVDE de Maximiano Varges. Cândido de Oliveira pagaria assim com o Tarrafal. Para ali seria transferido em 20 de Junho de 1942. Regressado, dois anos depois, em 1 de Janeiro de 1944, mas só alcançaria a liberdade em 27 de Maio desse ano.

Havia sido demitido do seu lugar nos CTT.

Refazendo a vida, fundaria o jornal «A Bola», o jornal de todos os desportos», com o tenente-coronel Ribeiro dos Reis. O número 1 sairia em 29 de Janeiro de 1945. Custava um escudo.

Sobre a sua vida publiquei um artigo na revista do jornal que fundou, há uns anos. Homero Serpa viria a editar um livro biográfico sobre a sua pessoa. Até aí muitos pensavam que o degredo no Tarrafal tinha a ver com o facto de Cândido de Oliveira ser anti-fascista, que o era, quase ninguém sabia o que se passava quanto à ligação à causa aliada. Tenho comigo todos os documentos, na mira de um livro que talvez um dia tenha tempo para escrever.

Publicada por José António Barreiros em 3.10.05

História e Ciência

"Cândido Fernandes Plácido de Oliveira nasceu em Fronteira, a 24 de Setembro de 1896, e morreu em Estocolmo, Suécia, a 23 de Junho de 1958. Entrou para a Casa Pia de Lisboa a 15 de Junho de 1905, depois de ter ficado órfão, e desde muito cedo se revelou um amante do desporto, em especial do futebol. Esteve na origem da fundação do Casa Pia Atlético Clube (Ateneu Casapiano). Foi um dos mais famosos jogadores portugueses do seu tempo, capitaneando a selecção nacional, nomeadamente no 1.° Portugal-Espanha. Em 1928 foi seleccionador e treinador da equipa que representou Portugal nas Olimpíadas de Amsterdão. Jogou no Sport Lisboa e Benfica e treinou também a Associação Académica de Coimbra, o Belenenses, o Sporting e o Futebol Clube do Porto. Foi ainda treinador do Clube de Regatas Vasco da Gama, no Brasil. Tirou o Curso Comercial e empregou-se nos CTT como aspirante. Ali fez toda a carreira chegando a Chefe de Divisão. Quando era inspector dos CTT, em plena II Guerra Mundial, Cândido de Oliveira trabalhou como agente secreto para a Inglaterra. Era o agente H. 204 e H 700, da rede clandestina Pax, do Special Operations Executive (SOE), que tinha como principal missão organizar a resistência em caso de invasão nazi. Cândido de Oliveira foi preso a 1 de Março de 1942 e encarcerado em Caxias, sendo deportado para Cabo Verde, campo de concentração do Tarrafal, a 20 de Junho do mesmo ano. Só regressou a Portugal a 1 de Janeiro de 1944. Impossibilitado de continuar no seu anterior emprego, fundou o jornal A Bola (1941-1945), juntamente com Ribeiro dos Reis, que transformou num órgão desportivo de grande prestígio. Em 1946 ainda teve ligações ao levantamente chefiado pelo capitão Queiroga, conhecido como "Revolta da Mealhada".

O livro *Tarrafal, o Pântano da Morte*, onde conta a sua experiência de deportado em Cabo Verde, ficou naturalmente inédito. Só foi publicado em 1974, pela Editorial República, com um prefácio de José Magalhães Godinho".

A equipa de 55-56 treinada por Cândido de Oliveira